

BROWN MILLER

OUR GLANDS AND TALENTS - (from HIROSHIMA
FLOWS THROUGH US - Cherry Valley, 1977)

Really two phases in this poem: 1) The confrontation with long-term, obsessive, inescapable effects of Hiroshima, and 2) the poet's longing to escape, perhaps into mysticism ("...in Tibet maybe") or even into nullity/ Death ("a zoo below zero").

Emerging from the San Francisco poetry "crucible" of the 1960's (with strong links to Doug Blazek and Open Skull Press), Miller has managed to survive the paralysis dispersal/ "unknotting" of the San Francisco "clans" and in HIROSHIMA FLOWS THROUGH US shows himself still developing stylistically without losing the consciousness / conscience of the 60's.

BROWN MILLER

OUR GLANDS AND TALENTS (de HIROSHIMA FLOWS THROUGH US - Cherry Valley Editions, 1977)

Na verdade hã duas fases neste poema: 1) A confrontaçãõ com os obsessivos e inescapãveis efeitos de Hiroshima a longo prazo, e 2) o desejo de fuga do poeta, talvez no misticismo ("... no Tibete talvez") ou talvez no vazio/Morte ("num zoológico abaixo de zero").

Surgindo do "cadinho" poético da São Francisco dos anos 60 (com fortes ligações com Doug Blazek e Open Skull Press), Miller conseguiu sobreviver à paralisia/dispersão/ "desnosamento" das clãs de São Francisco e em HIROSHIMA FLOWS THROUGH US mostra-se ainda em desenvolvimento estilístico, sem perder a conscientização/consciência dos anos 60.

OUR GLANDS AND TALENTS - Brown Miller

Everything I say about Hiroshima belongs to some other meaning, should blister from some other awareness.

People ask me (as if they feel) why write about that?

It happened thirty summers ago - why think about it now?

I can't tell them Hiroshima has penetrated everything, is flowing through us, flies in the sky of our lungs: I see it, the finest dust in our clothes, in our hair underwear armpits nostrils, in our car engines and pocket calculators and the loges of our theaters, coating the screens of our televisions, permeating our softest facial and toilet tissues, our bones and connective tissues, our stand-up

cont....

Tudo que eu digo sobre Hiroshima pertence a algum outro significado, deveria empolar-se de alguma outra sabedoria.

As pessoas me perguntam (como se elas sentissem) por que escrever sobre isso?

Isso aconteceu há 30 verões - por que pensar a respeito disso agora?

Não lhes posso dizer que Hiroshima tenha penetrado em tudo, que está fluindo através de nós, voando no céu de nossos pulmões:

eu a vejo, o mais fino pó em nossas roupas, em nosso cabelo roupas de baixo axilas narinas, / nos motores de nossos carros e calculadoras de bolso

e as frisas de nossos teatros, cobrindo as telas de nossos televisores, permeando a nossa mais macia face e o papel higiênico, nossos ossos e tecidos conjuntivos, nossos eretos

cont....

cont....

comedians, advertisements, political
slogans, our prayers and economy -
invisible - invisible - but I can't
stop seeing it unless I escape
by forgetting, by masturbating.

When these methods fail I use poems
for fallout shelters where I knit
parallels: for example, the H
looks like heroin. So does its
effect - addictive - pervasive.
It greets our glands and talents
with disguised damage and a hot gnaw.

None of this is worthy of itself.
It and I belong a long way off,
in Tibet maybe. In a dim cave.
Or in the belly of a universe
where nothing counts. Or in
a zoo below zero
where feeding is unknown.

cont....

comediantes, anúncios, "slogans" políticos.
nossas orações e economia -
invisível - invisível - mas eu não posso
deixar de vê-la a não ser que eu fuja
pelo esquecimento, pela masturbação.

Quando esses métodos falham eu uso poemas
por abrigos anti-aéreos onde eu tricoto
paralelos: por exemplo, o H
se parece com heroína. O seu efeito também
- aditivo - penetrante.
Saúda nossas glândulas e talentos
com danos disfarçados e uma quente roedura.

Nada disso é digno de si mesmo.
Ele e eu pertencemos a um caminho distante,
no Tibete talvez. Numa caverna escura.
Ou na barriga de um universo
onde nada importa. Ou num
zoológico abaixo de zero
onde alimentar é desconhecido.

(trans. Eliseu Diógenes)